

EDITORIAL da REVISTA TAPUIA

Tapuia foi a designação dada pelos próprios povos originários para múltiplos grupamentos hostis, que não falavam o Tupi, e que não aceitavam qualquer contato com os invasores europeus. Mas podemos entender que *tapuias* hoje são todes aqueles e aquelas que não falam uma língua dominante; que não se submetem a negociar com colonizadores; todas aquelas nômades; que fogem, que escapam, pessoas bárbaras, desterritorializadas e, acima de tudo, inimigas do império e da violência colonial.

Hoje nasce a *Revista Tapuia*, uma iniciativa coletiva transdisciplinar, que pretende pôr em ampla discussão temas atuais envolvendo questões políticas e sociais. Mas em que sentido pode uma revista ser *tapuia*? Apenas na medida em que pretende fugir, insistir no *fora*, isto é, naquilo que *falha* em um sistema de dominação e controle totalitários, escapar, reunir estudantes e pesquisadores transdisciplinares, independente do grau acadêmico, que tenham em comum a rebeldia, e que sejam comprometidos com a produção de saberes decoloniais; horizontais; sistematicamente invisibilizados; libertários; autonomistas e, direta ou indiretamente, nascidos nas lutas concretas LGBTQI+; antirracistas e feministas.

Neste primeiro número, trazemos a tradução comentada dos quatro manifestos divulgados pelo Coletivo Hacker-indígena *Guacamaya*, seguida de uma poesia também divulgada pelo grupo anônimo, e que expressam muito bem ações de resistência à sociedade de controle e à *governamentalidade* atuais, que operam por infiltrações, imanescentes à vida e, ao mesmo tempo, anticoloniais e antropofágicas.

Publicamos ainda sete artigos de autores convidados pela nossa comissão editorial. São todos textos de viés político, ou mesmo que propõem uma antipolítica, como é o caso do artigo de Acácio Augusto, à medida que sugere uma leitura da anarquia hoje liberada das formas humanistas e teleológicas da política moderna. Marcelo Castañeda, por sua vez, promove a análise de uma obra seminal de Bruno Latour, que sintetiza as contribuições da Teoria do Ator-Rede. Castañeda quer mostrar a importância dessa perspectiva para refletir sobre o fenômeno organizacional, passando pela construção das fontes de incerteza que desdobram a sociedade, bem como pelos movimentos corretivos que levam à conexão dos elementos desdobrados em um coletivo heterogêneo. Wilson Gomes analisa em sua estrutura o que ele chama de *nova vigilância* própria do exercício de controle da sociedade atual. Os textos de Camila Jourdan, Jean Tibles e Izabela Bocayuva apontam para a riqueza da experiência

ameríndea para pensarmos criadoramente nossa sociedade atual. Camila Jourdan chama atenção para o quanto a dimensão dos ritos e jogos, cada vez mais rara nas nossas cidades e relações, pode contribuir para uma necessária e positiva transformação cultural e vital. Jean Tibles começa sua reflexão a partir das revoltas da última década, tais como a de 2013 no Brasil, e se dirige às resistências e existências coletivas dos povos originários a fim de pensar o "renascimento" do protagonismo ameríndio nas Américas. Izabela Bocayuva se pergunta quem seria o homem do antropo-ceno e mostra que jamais seria o homem originário, mas sim o inteiramente dependente do capitalismo virulento que violenta a Terra para acumular sempre mais, mostra ainda o muito que a voz ameríndia tem para escancarar os excessos suicidas daquele tipo humano. Já Rodrigo Carqueja de Menezes analisa o conceito de estrato em Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs, a fim de* trazer mais compreensão no estudo de processos que envolvem acontecimentos de uma dinamicidade radical e de imprevisíveis configurações, que estariam fora do quadro de uma ordem fixa ou de um desenvolvimento linear. Trata-se de um estudo que traz desdobramentos inevitáveis com os demais temas abordados.

Assim, nossas temáticas dialogam, ao longo dessa primeira edição, pela revolta, pela multiplicidade, pelas resistências, pelos acontecimentos destituíntes, pelas transformações radicais do presente.

Desejamos boas leituras!

E vida longa à revista tapuia.

Comissão editorial da Tapuia, dezembro de 2022.